

ZÉ PACÓVIO ⁽¹⁾

(MONÓLOGO)

TIPO DE MINHOTO, TRAJO E GESTOS DE LABRÊGO

Olá!... Ora antão muito bôs dias, ô muito bouas noites. Sim... porque, eu cá na cedade, nem sei bem a cantas ando, porque não m'intendo lá muito bem c'os relojos.

Pois é berdade; e cá estou de bórta das minhas biajes às capitais. Custou-me, mas sempre chiguei.

Ora eu, como nunca tinha fazido biajes, arrezôrbi noitro dia ir até às Lisbouas bér o meu primo Zé Cangalho, que está a serbir n'uma loje de panos.

Eu tinha d'ir no carro da carreira do Tóne Pitangas, mai-los meus bezinhos e principalmente la minha mulher (sim, porque eu sou casado). Mas começaram para lá a dezer que de carro só lá chegaria no fim de três quinze dias...

Oh! c'os diachos!

¿ Átão as Lisbouas são assim tão longe?

São, home!... De carro só lá chegas no fim de três quinze dias.

Bem... Arrezôrbi átão ir no camboio de ferro.

Eu lá bou p'rás estações e começo átão a passiar duma banda pr'á oitra.

E bai, chêga um home à minha beira e diz-me assim: — Olhe lá! bocê já tem belete?!

— Cais belete?!... átão êle tàmém é preciso mercar belete?!

— E' home. Chegue-se acolá à beleteira e mérqui-o.

Lá bou eu às tais beleteiras (que nem éra beleteira nem era nada) era um postigo onde estaba um home que disse assim:

— P'ra onde é que bocê bai?

— E bocê que l'importa?! (Que gente c'riosa!) Dê-m'uma clássia p'rás Lisbouas.

E péga êle dá-me um migalho de papelão e diz-me assim: — pegue lá uma terceira e custa vinte maurreis!...

— Vinte maurreis?! Átão uma isca de papelão, e demais a mais escrebido só duma banda, custa vinte maurreis?

Lá na minha terra, no Zé da Benda, mercam-se as folhas de papelão a cartinho.

— Bem, pague se quere; se não quere, prante-se daqui pr'a fóra.—

(1) Êste monólogo devêmo-lo ao obséquio de um velho amigo de Braga. Aqui lhe deixamos público testemunho de agradecimento e afecto.

A CHULA DAS TRICANAS

(Coro) *libertan e quanto antes.*

filhas libe- tai e quan- tai ar- tes Des- ta mo- da e vil- tante exa- vi-

1^a vez 2^a vez

dão - dão -

D.C. S
até ao Fim

Para a saída, sem canto.

O COMILÃO
(MONÓLOGO)

Se estou assim tam gordinho
Não é p'lo muito comer,
Pois sou mesmo um passarinho
A debicar e a beber.
E se janto, ceio e almoço,
E' porque menos não posso.

Ao jantar fico servido
Com um prato de sôpa cheio,
Bom guizado e mais cosido,
E um frangão, se tem recheio.
Mas, p'ra não dar mais maçada,
Como então vitela assada.

Se a minha figura engorda,
Não é p'la muita comida:
Só como um prato d'assorda
E um bife logo em seguida;
Pão com manteiga, bom chá,
E o almôço feito está.

Se há caldeirada ou puré,
Ainda vai um bocadinho;
Uma chícara de café,
E de genébra um gòlinho.
Claro, não falo nos frutos,
Nem no fumo dos charutos...

Um pouco antes de jantar
Dois òvinhos estrelados,
Belo vinho a acompanhar,
E três pasteis de folhados.
E..., se a mãezinha está meiga,
Ainda vai pão com manteiga.

Aqui está San-Benedito,
Já vistes o que êle come:
Só debica, não tem fome,
E... contudo está gordito.
; Como isto vem a ser,
Ninguém o pôde entender!

TECER E DESTECER

(FAZES DA LUA)

Penélope (1) eis o apodo
Com que me alcunham, amiga.
; Porque razões de uma figa
Me alcunharão dêste modo?
— Porque essa vida, mulher,
(Perdôa-me que to diga),
E' tecer e destecer!

A donzela que devota
Ouve missas e sermões,
E depois lá nos salões
Com as valsas se alvorota,
Imita em seu proceder
(Ou então não pesco jota)
O tecer e destecer.

A que humilde o soalho beija,
Mas, se alguém a injuría,
Põe-se brava como harpía,
Amaldiçôa e pragueja,
Essa, faça o que fizer,
Do céu na estrada manqueja
Por tecer e destecer.

Diligente és, bôa Aninhas,
Escrava dos teus labores;
Mas se logo à palra fôres
Com certo João das Vinhas,
Prepara-te para colhêr
Já louvor, já picuínhas,
Por tecer e destecer.

Quem madruga e se confessa,
Como fazem mais de quatro,
Mas à noite pró teatro,
P'ra todo gôzo se apressa...
Mundana e piedosa ser
E' contradição expressa:
E' tecer e destecer.

Lês o Kêmpis? Bem está.
Ou lês o Ano Cristão?
Mas, se os alternas na mão
Com Ohnet, Hugo, Dumas,
Êsse lêr e mais treslêr
; Quem não qualificará
De tecer e destecer?

Se por director te guias,
Para estar com Deus em calma,
Mas senhoream tua alma
Laços, tufos, ninharias,
; Que ventura pódes ter,
E porque não te agonias
De tecer e destecer?

A que aos pobres não se nega,
E por fazer bem almeja,
Mas reputações aleija
E a murmurar se entrega,
Sensata a hei-de dizer?
Direi antes que anda cega
A tecer e destecer.

Da capela agora veio
De rezar com piedade,
E logo irá com vaidade
E sem modéstia ao passeio!
Deitará tudo a perder
O bonito com o feio,
O tecer com destecer.

Se jejuas penitente
E teus pecados pranteias,
Mas à noite galanteias
Com certo bicho vivente,
Bem chegaste a merecer
Que te despachem patente
Em tecer e destecer.

(1) Penélope, esposa de Ulisses, destecia de noite o que tecia de dia.

TÓNIO FOGUÊTE

(Cançoneta para homem ou menino)

TIPO:

Saloio aparvalhado. (Entra com um foguête debaixo do braço e tocando numa gaita «passa-beiços» (harmónica). Sem reparar no público, simulando deitar um foguête).

Chi... pum! pum! Chi... pum! Pum! *(Olhando o público, boquiaberto) Intão nan bão à festa? E' já ali adiente! Já p'ra lá foi a múseca, o Manel dos capilés, a Zéfa do Casal com o tavoleiro dos vôlos... e agóira bou p'ra lá eu!*

(Com entusiasmo) — Benham de aí! Bão bêr os valões, as vanderas, o pindão, os ingínhos da romaria e inté o sôr avade debaixo do pálio. (Aparvalhado) Intão nan béem? Olhem qu'inté há curête!

(Simulando deitar o foguête) Chi... Pum! (Batendo com os pés) Catrapaz! Traz! paz! traz!

Torna a tocar a harmónica, cómico, e canta a seguir:

*Nan há festa ou romaria,
Arraial ou beberête,
Que nan chamem, que mania!
Cá p'lo «Tónio do Foguête».
Sempre à frente do pindão,
— Veja bem como se faz! *(Chegando o morrão ao foguête)**

Mal se le chega o morrrão...

Chi...

(Batendo com os pés)

Catrapaz! paz! zaz! traz! paz!

Refrain { *Se não rebenta,
Vai intão um
Daqueles taludos...
Pum! catapum! *(Batendo com os pés).**

III

SOLO

Ah! trá; la, rá; la, rá!
E' preciso ter amor
A' vida do lavrador.

CÔRO (*Repete o número I, da página 99*)

O EDITAL

Manuel era um petiz de palmo e meio
(Ou pouco mais teria, na verdade)
De rôsto moreninho e olhar cheio
De inteligênte e enérgica bondade.

Orgulhava-se dêle o professor...
No porte e no saber era o primeiro.
Lia nos livros que nem um doutor,
Fazia contas que nem um banqueiro...

Ora uma vez ia o Manuel passando
Junto do adro da igreja. Apròximou-se
E viu à porta principal um bando
De homens a olhar o quer que fôsse.

Empurravam-se todos em tropél
Anciosos por saberem, cada qual,
O que vinha a dizer certo papel
Pregado com obreias no portal...

Mais contribuições! Supunha um.
E' pr'às sortes, talvez... outro volvia.
Quantas suposições! Porém nenhum,
Sabia ao certo o que o papel dizia.

Nenhum (e eram vinte os assistentes!)
Sabia lêr aquêles riscos pretos.
; Vinte homens, e talvez inteligentes,
Mas todos, que tristeza — analfabetos!...

Furou Manuel por entre aquela gente
Ansiosa, comprimida, amalgamada,
Como uma formiguinha diligente
Por um maciço de herva emaranhada.

Furou e conseguiu chegar adiante,
Ergueu-se nos pèzitos para vêr;
Mas o edital estava tão distante,
Lá tanto em cima, que o não pôde lêr.

Um dos do bando agarrou-o então
E levantou-o com as mãos possantes
E calejadas de cavarem pão...
Houve um silêncio entre os circunstantes,

E numa clara voz melodiosa
A alegre e insinuante criancinha
Pôs-se a dizer, àquela gente ansiosa,
Correntemente o que o edital continha.

Regressava o abade do passal,
A caminho da sua moradia:
Como era já idoso e via mal,
Acercou-se para vêr o que haveria...

E deparou com êsse quadro lindo
Duma criança a lêr a homens feitos;
Dum pequenino cérebro espargindo
Luz naquêles cérebros imperfeitos...

Transpareceu no rôsto ao bom abade
Um dôce e espiritual contentamento;
E a sua bôca, fonte de verdade,
Disse estas frases com um brando acento:

Olhai, amigos, quanto pôde o ensino...
Sois homens, alguns, pais, e até avós;
Pois só por saber lêr, êste menino
E' o maiór do que nenhum de vós!

AUGUSTO GIL.

Mas êle..., (cala a caixa!) não me diz nada, birou-mas costas e foi-se imora...

Mais adente lá chegamos às capitais, lá estava o meu primo Zé Cangalho, que mal m'inchargou ao longe, deu-me logo um abraço.

A noite fomos ao triato, e é mister dizer que bim de lá imbergonhado.

P'rá oitra maré contarei o resto. Adeuzinho inté quaurequer incazião...

F I M

LO MEU RISO

(MONÓLOGO)

Dizem por'í as más línguas
(Que as há, e bem compridas)
Que eu tenho um grande defeito,
¿ Já as viram mais atrevidas?!

Dizem elas, as malditas...,
P'ra o que havia de lhes dar!!
Podia ser p'ra pior,
P'ra se atirarem ao mar...

Dizem, pois, as tais senhoras,
As tais línguas depravadas,
Que eu nunca cesso de rir-me,
Que ando sempre às gargalhadas.

Pois que q'riam?... que chorasse?
¿ Que andasse a fazer restólho,
Sempre aos berros, sempre aos gritos,
E de lágrima no ôlho?

Rio-me sempre?!... E que tem?
Rio-me sempre, é verdade.
Acaso sofrem com isso?
Deixem-me rir à vontade.

O riso faz bem á gente,
Dá alento e dá saúde;
O riso não é vergonha,
Porqué é irmão da virtude.

A virtude é sempre alegre,
Com o riso dá-se bem;
Andam sempre de mãos dadas,
Sem fazer mal a ninguém.

Que tem por isso que eu ria?
Deixai-me rir: ih! ih! ih!
¿ Que padece a humanidade,
Se uma pessoa se ri?

¿ Não querem rir-se? que chorem;
Mas deixem-me rir a mim.
Cada qual tem seu feitio;
Pois o meu, senhor's é assim;

Rir, rir, rir, nunca chorar;
Rir-me até sem me sentir;
Rir na rua, rir em casa,
Rir-me sempre; rir, rir, rir.

Rir na escola, rir à mesa,
Rir a comer, a dormir;
Rir-me sempre sem parar;
Rir-me sempre, rir, rir, rir.

Rir-me entrando nesta sala,
E rir-me ao sair daqui;
Rir de grôso: ah! ah! ah!
Rir de fino: ih! ih! ih!

A CHORAR!

(MONÓLOGO)

(O personagem entra a chorar).

'Stou a chorar porque vim,
Hoje, p'rá aqui recitar!
E continúo a chorar
Por 'starem a olhar p'ra mim!

Dizem-me então que eu *embaço!*
Não gosto que me arreliem!
E quando os outros mais riem,
Eu choro que me desfaço!

Eu porque choro, bem sei!
Ia a entrar, e, de repente,
Dei aqui com muita gente,
E, já se sabe, chorei!

Quando me fui baptizar,
Fiz tal barulho, tal chôro,
Que nem o órgão, no côro,
Sequer se ouvia tocar!

Porque choro?... De tristeza?...
Não! Não é! Nem de alegria!
Passo a chorar, todo um dia!
São questões da natureza!

E, como passava os dias
Num chôro tão embirrento,
O padrinho, no assento,
Pôs-me de nome: *Jeremias!*

Eu sou assim de nascença!
E quando penso um bocado,
Fico até desconfiado
De que isto, em mim, é doença!

Era tam bom, o padrinho!
Chamava-me o *chora-migas!*
E cantava-me cantigas...
Mas já morreu! Coitadinho!

E estou-me agora a lembrar,
Que desde que aqui entrei,
Quási, ainda não chorei!
— Pois vou agora chorar.

(Chora com grande alarido).

UM ESPECTADOR:

O PERSONAGEM:

O' senhor! Por compaixão!
Que chôro tão embirrento!

Incomódo?... Pois então,
Eu vou chorar lá p'ra dentro!

PEDRO BANDEIRA.

SEM GRAÇA

monólogo

Não me conhecem?!... Tem graça!...
Muitíssima graça até!...
Nem mesmo se eu lhes disser
Que sou o Graça?... O José!...

(A um espectador):

Sim, senhor!... Sou a Zèquinha!...
Mais tarde o Zéca da Graça,
Mas que hoje não quer ser Zéca,
Nem mesmo só por chalaça!...

(Com entôno):

Hoje, sou S. Ex.^a
O Sr. José da Graça,
Que prefere um automóvel
A um simples trem de praça.

Meu bisavô era Graça,
Minha avó e minha mãe;
Se eu venho de tantos Graças
Hei-de ter graça também.

Eu sei bem que há um fulano
Que, sempre que por mim passa,
Me aponta, dizendo que eu
Terei tudo menos graça.

E posso jurar que a tenho,
Embora duvide alguém
Que tem graça por ser Graça,
Quem nenhuma graça tem!

Mente o alma de chicharro!...
Pois se já me vem de raça!...
Quer êle queira, quer não,
Hei-de ter por fôrça graça.

Se, desde que me conheço,
Tenho a Graça da família,
Deixar agora de a ter
Era caso p'ra quisília.

Fui baptisado em Lisboa,
Mas nasci em Alcobaça
E tive lá por padrinho
Senhor dos Passos da Graça.

Conhecem-me agora?... Digam,
Que ninguém os embaraça! (Pausa)
Não respondem?!... Ora adeus!...
Pois isso é que não tem graça!...

(Retira enfadado)

J. GONÇALVES PEREIRA.

São gôstos

São gôstos! Ora de gôstos,
Como diz rifão sabido,
E' dos sábios proibido,
Proibido disputar.
São gôstos! Ora o meu gôsto,
Sem ser homem d'outras eras,
E' de-véras,
E' de-véras singular.

São gôstos! Porque um deseja
Só calçado muito fino,
De tecido mui franzino,
Mui franzino, justo ao pé!
São gôstos! Não vitupéro!
Mas eu tenho um génio opôsto,
O meu gôsto,
O meu gôsto êsse não é.

São gôstos! Porque uns só querem
Delicadas chinèlinhas
Com um laço de fitinhas,
De fitinhas d'aurea côr.
Muito bem. Eu não reprovo.
Pelo menos sou sincero,
Mas não quero,
Mas não quero tal primor.

São gôstos! Há quem só compra
Bòtinhas de estreito cano,
Do demais ri deshumano,
Deshumano sem igual.
Outro gosta de tamancos,
Ou sapatos de vitela,
Com fivela,
Com fivela de metal.

Um, de borzeguins antigos
Com o cano a meia perna;
Outros, de obra mais moderna,
Mais moderna, do botim.
São gôstos, mas eu não gosto;
Um calçado só admito,
Exquisito,
Exquisito!... Sou assim!

Eu nem borzeguins aprovo,
Nem sapato de fivela,
Nem tamanco, nem chinela...
Nem chinela, nem botim.
Eu só gosto... (Mas cuidado,
Que não quero cá risotas)
De umas botas,
De umas botas. Isso sim.

Umás botas de alto cano,
Que aos estranhos sempre aterra.
E' calçado cá da terra,
Desta terra singular.
Tudo o mais é estrangeiro!
Elas, sim, são patriotas.
Só as botas,
Só as botas não tem par.

Se das nuvens o chuveiro
Caiu sôbre êstes terrenos,
E êsses campos tão amenos,
Tão amenos encharcou,
E eu quero fazer caminho
Para terras mais remotas,
Calço as botas,
Calço as botas, e lá vou.

Se os caminhos são uns rios
Co'as águas que vem dos montes,
Eu me rio de altas pontes,
De altas pontes com desdém;
Atravesso a pé enxuto,
Pois me servem de galeotas
Minhas botas,
Minhas botas muito bem.

E se quero essas montanhas
Ir correr com pés ligeiros,
Mas receio dos tojeiros,
Dos tojeiros o picar,
Bravo! digo, nada temas!
Zomba, zomba de chacotas!
Tomo as botas,
Tomo as botas e... é trepar.

E se vem dia de festa?
Na cabeça a carapuça.
Na cintura faixa russa,
Faixa russa a me cingir;
Jaquetinha muito curta;
Cacete que faz derrotas;
Logo as botas,
Logo as botas a luzir.

São gostos; e todos dizem:
Mui diversos são os gôstos.
Tão diversos como os rostos,
Como os rostos não iguais.
Cada qual tem o seu gôsto!
Eu só quero as *patriotas*
Lindas botas,
Lindas botas; nada mais.

FRANCISCO RODRIGUES.

O DINHEIRO

! O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!
! Tem tanta graça o maldito,
Tem tanto chiste o ladrão!
O falar, fala de um modo...
Tôdo êle, aquele tôdo...
! E elas acham-no tam guápo!
Vêlhinha ou môça que veja,
Por mais esquiva que seja,
Tlim!
Papo.

Nessas espécies de exames
Que a gente faz em rapaz,
São milagres aos enxames
O que aquele démo faz!
Sem saber nem patavina
De gramática latina,
! Quer-se um rapaz dali fóra?
Vai êle com tais falinhas,
Tais gaifônas, tais coisinhas...
Tlim!
Ora...

! E a cegueira da justiça
Como êle a tira num ai!
Sem lhe tocar com a pinça;
E' só dizer-lhe: Aí vai...
Operação melindrosa,
Que não é lá qualquer coisa;
! Catarata, tome conta!
Pois não faz mais do que isto,
Diz-me um juiz que o tem visto:
Tlim!
Pronta.

! Aquela fisionomia
E lábia que o démo tem!...
Mas, numa secretaria,
Aí é que é vê-lo bem!
Quando êle de grande gala,
Entra o ministro na sala,
Aproveita a ocasião:
Conhece êste amigo antigo?
— Oh! meu tão antigo amigo!
(Tlim!)
Pois não!

JOÃO DE DEUS.

A FLOREIRA

Esta poesia dá grande resultado cantada por uma menina que venha muito bem ornamentada, trazendo um taboleiro de flôres suspenso do pescoço e apresentando-se acompanhada de várias meninas que, dispostas em semicírculo, também cantam qualquer música que lhe é facilmente adaptável.

Meu senhor, eu vendo flôres,
Mas ninguém m'as quer comprar,
São tam baratas, tam lindas!...
Mais lindas não póde achar!

Rosas de chá, margaridas,
E camélias em botão...
São tam lindas tam baratas,
Que de graça quási são!

Rôxos cravos, sempre-vivas,
Miosótes, flôr-de-liz...
Quem nas compra as lindas flôres,
Tam galantes, tam gentis!

Lindas flôres, quem nas compra?
Quem nas quer ao peito pôr?
Uma flôr com flôr ao peito
Cresce muito de valor.

O AVARENTO

(MONÓLOGO)

Recitado por diversos amadores, em teatros particulares

Dinheirinho abençoado!...
Duzentos contos... aqui!...
Homem tam afortunado
Como eu sou, inda não vi!
Dizem que sou usurário?...
Mentem!... quem é perdulário
Gasta o que tem, e vem cá...
Propõe-me um famoso juro,
E eu, então, não sou tam duro
Que não diga: «tome lá!»

E respeito a economia! —
Inda ninguém me venceu:
Gasto seis vintens por dia...
O caldinho... faço-o eu...
Ao almoço, uma sardinha
Com brôa, e bem assadinha,
E' mesmo de consolar!...
A ceia... isso bagatela...
Sempre cresce uma tijela
Do caldinho do jantar.

Esmolas!... nem se pergunta...
Não me saí uma da mão!
Pois dar a gente o que junta...
Pôr-se a pedir?! isso não!...
E' mesmo um grande pecado!...
Fui dêste modo educado
Por meus pais e meus avós:
Caridade!... Nada... nada...
Não que ela, bem ordenada,
Principia cá por nós!...

Roupinha... tenho só esta,
E dou graças ao Senhor...
Se eu não entro numa festa!...
Teatro... causa-me horror!...
Se eu julgo um baile um inferno!...
— O que eu quero é, pelo inverno
Andar quentinho... isso sim!...
Comigo não sou poupado!...
Para andar agasalhado
Dou tudo... Eu cá sou assim!...

Todos podem ter dinheiro;
Mas falta, para o juntar,
Ganhar sempre e não gastar!
Eu tenho-o, porque assim faço...
Demais, nunca dei um passo
De graça, por fazer bem...
Agora, se a coisa rende...
Sou pronto, mas — já se entende —
Não quero o suor de ninguém!

Hontem, com esta casaca,
Tendo um frio de matar,
Até rasguei uma saca
Para as costas lhe forrar!
Rasguei-a e não tive pena!
A perca não foi pequena...
Mas embora... fiquei bem,
E fugi dos comedores...
Alfaiates!... mercadores!...
Consciência... nem um a tem!

LIÇÃO DE EPITÁFIOS

«Já que se vive de sorte
Que o temor santo se olvida,
Vamos estudar na morte
Os tropeços desta vida.»
Isto disse com mistério
«*Não-sei-quem*» a «*Não-sei-qual*»
Entrando no cemitério
Da frèguesia natal.

«Aqui jaz Luís Clemente,
Que morreu súbitamente.»
—E' pêta; esteve entrevado.
—E' que morre de repente
Quem não está preparado.

«O rico Doutor Bugalhos
Cá tem a pele em retalhos.»
—Mártir? — Cortaram-lha os pobres,
Para os quais só tinha ralhos
E não conselhos, nem cobres.

«Aqui jaz Doutor Bulhões,
Capataz dos sabichões.»
—Da fama subiu ao templo
Dando sábias preleções.
—Mas não dava bom exemplo.

«Aqui jaz Dona Luzia
Que na igreja todo o dia...»
—E' devoção que extravaza.
—Fez mal, já que preteria
O arranjo da sua casa.

«Aqui jaz Leão Crisanto:
Viveu, morreu, como um santo.»
—Será verdade esta história?
—Perdeu com sua vanglória
A metade e o outro tanto.

«Jaz aqui Fernam Metralha,
Que venceu muita batalha.»
—Valor digno de troféu!
—De valor teve êle falha,
Já que a si se não venceu.

«Repousa aqui Juliêta,
Que escrevia na Gazeta...»
—Escritora! Que saber!
—Se não sabia coser,
Passou a vida em tinêta.

«Apodrece aqui Jocundo,
Que gozou muito no mundo...»
—Gozou... Mas certos juízos...
—Geme agora no profundo,
Que não há dois paraísos.

«Aqui parou João Cardo,
Que usava por pêna um dardo...»
—Que escritor! Deus nos assista!
Era tigre ou leopardo?
—Era um reles jornalista.

«Aqui dorme Dom Garcia:
Três gran-cruzes possuía...»
—Grande homem foi, pelo visto.
—Pequeno, pois não sabia
Abraçar a Cruz de Cristo.

«Dona Arminda, uma beldade:
Conquistou tôda a cidade...»
—Hontem diva sem labéu...
—Hoje sabe que é vaidade
Não se conquistar o céu.

«Aqui jaz Dona Perúia,
Sem trapinho que possuía...»
—Em *toilettes* teve a palma.
—Por isso temo que nua
Hoje se encontre sua alma.

«Aqui jaz Doutor Vergueiro:
Foi juiz mui justiceiro...»
—Sua vara... ai! Deus o ajude!
—Foi varinha de virtude
Com que fez bem bom dinheiro.

Até aqui chegaram juntos
«*Não-sei-qual*» e «*Não-sei-quem*.»
E já basta de defuntos.
Em paz descansem. Amen.

OS APELIDOS

Há quem se chame Carneiro,
e há Cordeiros também;
mas, que se chame Cabrito,
eu não conheço ninguém.

Há também o senhor Prêgo,
mas não o senhor Martelo;
há o Branco, o Preto, o Verde,
só não há o Amarelo.

Há aí muito senhor Lobo,
e muito senhor Leão;
mas, co'apelido de Tigre,
não há nenhum cidadão.

Há muito senhor Veludo,
e não há senhor Percal;
não há senhor Formigueiro,
e há senhor Formigal.

Há Oliveira, há Laranjeira,
Moreira, Pereira, Parreira;
só não conheço ninguém
co'apelido de Gingeira.

Há o Barata, há o Aranha,
Mas ninguém teve inda a idea
de se chamar Percevejo,
ou chamar-se Centopeia.

Há Pires e não há Prato,
há Rocha e não há Calháu;
há muito senhor Sardinha,
nenhum senhor Carapau.

Há muito senhor Vitória,
e nenhum senhor Derrota,
há, enfim, muito senhor Fino,
e nem um só Idiota.

* * *

Má sorte de um pintassilgo

Apanhou-me um pintassilgo
meu criado, certo dia;
era novo, daquêle ano,
mas piava e já comia.

Quando dei pelo atentado,
corri para lhe valer,
mas já tinha expirado.
Ai que ferro me meteu
o descuido do criado.

Foi crescendo. Já trinava
cantos lindos de pasmar,
quando uma vez o criado,
bom rapaz, mas descuidado,
(nem eu me quero lembrar),
deixa ao sol do meio-dia,
— e que sol, Virgem Maria!... —
a avezinha a torrar.
Que havia de acontecer,
senão assada morrer?

Vossos filhos são, ó Mãe,
as aves do vosso amor;
com desvêlo agasalhai-os
das paixões, que o seu calor
tão voraz e esbraseante
asfixia-as num instante.
Se não lhes acudis com tempo,
a sua inocência em flôr
Esvai-se-lhes num momento.

B. RIBEIRO.

Meu pai!... O' meu paizinho!

(EPISÓDIO DA BARCELONADA)

Naquela manhã, Pablo, erguera-se mais cedo
E cautelosamente, e de mansinho, e a medo,
Os passos abafando e o respirar ancioso,
Caminhou para a porta. Aí parou receioso,
A mão na aldrava, erguida, e, como que indeciso,
Voltou-se para trás. Um lúgubre sorriso
Em que havia de tudo: angústia e amargura,
Ódio, vingança, amor, crueldade e ternura,
Nos lábios lhe assomou. Circunvagou a vista
P'los trastes com que enchia a sua mansão de artista;
Tôscos e sem verniz, p'lo tempo carcomidos,
Cadeiras sem palhinha e bancos já partidos...
O olhar a princípio tórvo e desvairado,
Foi recair por fim num leito, encostado
Ao fundo na parede. Um leito pequenino
Onde um róseo petiz, angelical, bambino,
Dormia a bom dormir o sono da inocência;
E depois de o fitar com certa insistência,
Indo pé ante pé, apróximou-se dêle,
E depoz-lhe a tremer, sôbre a rosada péle,
Um demorado beijo, um beijo tão mansinho
Como a aza a roçar dum leve passarinho
Na superfície azul dum lago adormecido...
Levantou-se de chofre, e um gesto decidido
Mostrou ter pôsto fim à luta, que decerto
Lhe ia lá por dentro; e em passo firme e certo,
Mas cauteloso sempre, encaminhou-se então
Para a porta, que abriu com tôda a precaução
Cerrando-a sôbre si, com calma, com geitinho
Não fôsse êle acordar o tenro inocentinho...
Nem o fecho correu... E ao vêr-se, enfim, na rua
Olhando o céu azul, onde a pálida lua,
A' luz do arrebol, entrava a esmaecer,
Soltou uma imprecação e deitou a correr...